



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 03

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de julho de 2016

Nº 20

Academia Friburguense de Letras: 69 anos de fundação = 22.06.1947-2016

Evento comemorativo incluiu palestra do acadêmico Edson de Castro Lisboa sobre “Café e Escravidão em Nova Friburgo no Século XIX”. (Fotos: família Canto)

Revestiu-se de brilhantismo a solenidade de comemoração do 69º aniversário da Academia Friburguense de Letras, realizada no dia 22 de junho de 2016, em sua sede social, recentemente reformada

O grande vencedor é, certamente, o atual Presidente da Casa de Salusse, o Acadêmico Robério José Canto que, com seus dedicados auxiliares e sempre apoiado por sua esposa, tem concretizado importantes atividades literárias e culturais, dignificando as tradições desta vetusta porém moderna casa de cultura. Nova Friburgo certamente se orgulha desta instituição, pelo que tem acrescentado ao patrimônio cultural da cidade..

Parte do evento, a palestra do acadêmico Edson de Castro Lisboa veio acrescentar uma parcela importante à história deste município, mostrando inclusive sua vinculação ao município de Cantagalo, que foi a “Terra Mater” de Nova Friburgo assim como de tantas outras comunidades desta Região Serrana. Os suíços que para aqui vieram, não se limitaram a este território, mas se espalharam em busca de melhores terras para suas atividades, construindo belas fazendas, com o uso do trabalho escravo para o cultivo do café, amealhando assim grandes riquezas. Nova Friburgo passou a ser a “cereja do bolo”, recebendo relevantes melhorias, que vemos até hoje.



CAFÉ E ESCRAVIDÃO EM NOVA FRIBURGO foi o tema da palestra proferida pelo acadêmico Edson de Castro Lisboa.



Seleta assistência à palestra e comemoração do aniversário de fundação da AFL



O jornalista Sebastião Carvalho, diretor deste JCNF, com o Presidente Robério Canto.



Parte do staff da Academia, que trabalha com o Presidente Robério Canto para o seu progresso.



Encerrando as comemorações, um delicioso lanche, nas dependências da AFL.



O casal Robério Canto, que se tem desdobrado em trabalhar pelo progresso da AFL hoje vivendo uma nova e auspiciosa fase.

Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

A ignóbil resistência à verdade sobre o intrépido Mão de Luva

Desde meu tempo de juventude, convivi com a tal versão “romântica” sobre Mão de Luva, plantada por Acácio Ferreira Dias em seu livro “Terra de Cantagalo”, editado em 1942 e citado por Amélia Thomaz em várias publicações. A unanimidade dos responsáveis pela cultura da Região Serrana Fluminense aceitou essa versão, o mesmo acontecendo com órgãos municipais, estaduais e federais!

A contínua divulgação da versão fantasiosa e falsa sobre Manoel Henriques, Mão de Luva, prejudicou, e



continua prejudicando, o conhecimento da verdade histórica dos municípios desta vasta região. Em Cantagalo, na sede da Secretaria de Cultura, há um banner contando essa falsidade. Os responsáveis não providenciaram a retirada, apesar de nosso apelo, há anos formulado! É como se desconhecem os termos do nosso livro pioneiro,

O TESOURO DE CANTAGALO, editado em 1991 e recentemente reeditado!

Em Nova Friburgo, onde lançamos, on line, o nosso “A ODISSEIA DE MÃO DE LUVA”, continuam os que se dedicam à cultura ignorando nossa tese, baseada em fontes primárias oficiais. Parece que preferem a falsidade, que lhes é grata, deixando de cumprir com o dever de acatar a verdade! Por que agem assim? Será que se sentem ameaçados por não terem acordado para a falsidade da lenda e de outras versões mal colocadas? Preferem fixar-se, como estão fazendo agora, elogiando a ação da TV Globo que lançou uma novela onde mostram um Mão de Luva bandido, ladrão e assassino, quando o verdadeiro Mão de Luva foi um cidadão brasileiro apenas inconformado com o jugo português, um cidadão religioso, que ensinava jovens índios a rezar? Tal atitude de pessoas que estudaram e não podem alegar desconhecimento, parece-nos um grave erro, que demanda imediata correção. O povo não merece ser mantido na ignorância de fatos básicos de nossa história!

Leia: www.nitcult.com.br/odisseia.pdf

Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades, mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

Um quadro de van Gogh

Vincent van Gogh - óleo s/ tela. [Praia em Scheveningen em calmaria](#)



Sobre Vincent van Gogh

Nesta seção você encontrará dados sobre a vida e a obra de [Vincent van Gogh](#), inclusive frases de sua autoria e muito mais. Você poderá fazer uma viagem seguindo seus passos, da Holanda à Bélgica, e de Paris para Arles, vendo os lares e os locais que Van Gogh conheceu - muitos dos quais podem ainda ser visitados.

Vincent van Gogh escreveu mais de 800 cartas durante sua vida, para a família e amigos, a maioria das quais para seu amado irmão Theo Van Gogh. As cartas continham informações sobre sua vida de artista assim como seu trabalho. Elas nos permitem conhecer mais sobre sua vida, como pensava e como trabalhava mais do que qualquer outro artista. Na seção sobre cartas do site de onde tiramos material, você pode aprender mais sobre elas e achar um link para uma parte que contem cartas de Van Gogh traduzidas. Esse material será divulgado aqui.

Van Gogh teve muitas influências em sua vida, inclusive de sua família e amigos, de outros artistas como [Paul Gauguin](#), e de sua decadência mental e física. Fonte: Van Gogh's Gallery

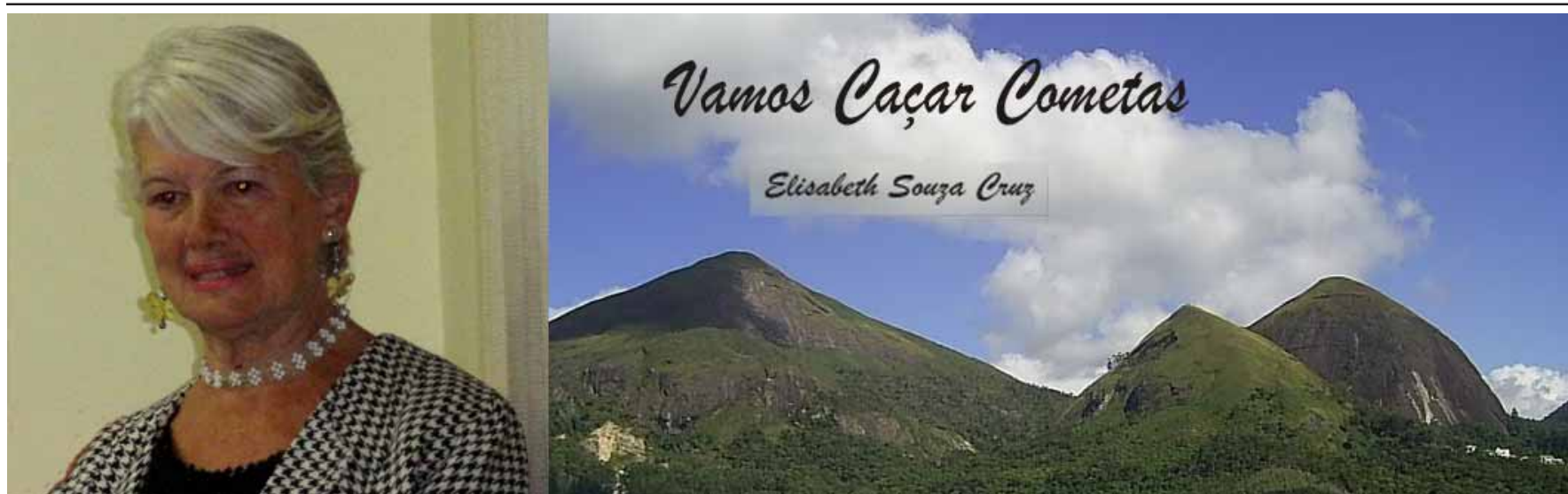
Uma tela de RM Carvalho

Rosa Maria Carvalho - óleo sobre tela. [Por-do-sol](#)



RMRC78 - Por-do-sol

[VER Pág. 6](#)



ONDE É QUE MORA GARCIA?

Em 1899, quando o filósofo e escritor norte-americano, Herbert Hubbard, escreveu o texto “*Mensagem a Garcia*”, os tempos eram outros. Essa obra, traduzida em mais de trinta idiomas, fez tanto sucesso, à época, que passou a ser utilizada por empresas, em várias partes do mundo, como um guia para o bom trabalhador.

O texto original diz respeito a um soldado que fora incumbido de levar uma mensagem a Garcia, tendo que atravessar o Mar das Caraíbas e o sertão agreste de Cuba. Independente de saber quais dificuldades encontraria, sem qualquer questionamento sobre como cumprir a tarefa, o distinto mensageiro, em pouco tempo, venceu todos os desafios e entregou a encomenda ao destinatário. Tamanho foi o heroísmo, que o soldado passou a ser o espelho de como deveria ser o modelo de quem sabe cumprir ordens, sem as discutir.

Enfatizando ainda mais a obediência irrestrita, a mensagem diz, entre outras afirmativas, que “não é de sabedoria livresca que a juventude precisa nem de instrução sobre isto ou aquilo. Precisa, sim, de um endurecimento das vértebras para poder mostrar-se altivo no exercício de um cargo...”.

Hubbard embutiu em seu texto algumas afirmações para animar a classe trabalhadora a não ficar “encostada” na “atrofia de se pôr em campo e agir”. O discurso inflama o bastão dos poderosos e os feitorados que obedeçam, sem perguntas desnecessárias.

No ano de 1899, os trabalhadores já acordavam para os seus direitos, com lutas sindicais, reivindicando a jornada de oito horas. Assim, era mesmo oportuno manter a classe submissa, obediente e longe da possibilidade de qualquer reação contrária ao seu **direito de obedecer**.

Muito antes de Hubbard escrever a *Mensagem a Garcia*, exaltando a “conformidade inabalável”, Platão, o filósofo grego, ao contrário, pensava no valor das discussões, no confronto de um fato, numa progressão para um novo resultado. Inclusive, a base do pensamento platônico é alicerçada no direito à dialética, na contraposição das ideias, pois todo assunto pode estar sujeito a um debate.

A criança, quando começa a se entender por gente, entra na fase dos porquês e, recebendo uma ordem, imediatamente, questiona: “por que eu tenho que fazer isso?”. Tal atitude não se traduz como um desaforo, mas como sua própria socialização, pois é perguntando os “porquês das coisas” que ela toma conhecimento do mundo.

No exercício jornalístico, a prática do perguntar é essencial para o bom andamento do trabalho e não há profissional que se ponha em campo, sem levar na ponta da língua seis perguntas essenciais: O quê?, Quem?, Onde?,

Quando?, Como?, Por quê?. E há quem ainda inclua a questão E daí?, como arremate da pauta.

No mundo empresarial, moderno, a boa liderança deixa de lado o antigo status do líder no topo. As paredes entre os empregados e senhores caem, dando lugar às pontes, aos diálogos, porque mais do que nunca é preciso dialogar e trocar experiências.

Na era da Aldeia Global, chegamos ao topo dos questionamentos e, como disse Paulo Freire: “Todo conhecimento começa com uma pergunta”. Por esse motivo, a quem for levar uma mensagem a Garcia é preciso perguntar, sim, ao chefe, quem é o Garcia e onde encontrá-lo. Especialmente, é preciso saber que tipo de encomenda será entregue, e isso, até, para não levar gato por lebre

Por que eu tenho que fazer isso?

Sebastião A.B. de Carvalho

Já dizia Paulo Freire: “Todo conhecimento começa com uma pergunta”. acentuando que a obediência cega, sem qualquer questionamento, é um absurdo, que ameaça a integridade da mente e desdenha dos sentimentos humanos. Mesmo que tenhamos que desafiar os poderosos, não podemos deixar de exigir respeito à nossa dignidade, ao nosso direito de cidadania e de autoafirmação, expresso em praticamente todas as constituições ou cartas magnas.

Embora os meios de comunicação de massa estejam sempre enfatizando o progresso das relações no meio empresarial, com o estabelecimento de diálogos entre patrões e empregados, a favor de uma harmonia mais justa, o que vemos é a continuação da exploração desumana dos empregados pelos patrões, que usam até do conceito de globalização para a perpetuação de suas odiosas vantagens.

Muito bem pagos, jornalistas da atualidade vendem-se desavergonhadamente aos donos das empresas nacionais ou multinacionais, mas procuram sempre “engambelar” o povo com certas estratégias de linguagem, que de tanto usados já estão por demais conhecidos até dos menos favorecidos culturalmente. É por isso que candidatos “populistas” ganham eleições, contrariando os poderosos endinheirados e seus asseclas.

Diante desse quadro, os enganadores do povo buscam evitar, a todo custo, que o povo tenha direito ao voto direto para cargos como o de Presidente da República, forçando a adoção do regime parlamentarista, no qual os deputados vendidos ao poder do dinheiro são os que escolhem o próximo “vendilhão do templo”! Eles não querem abrir mãos de suas vantagens, e por essa razão abominam os questionamentos do tipo “Por que tenho que fazer isso?” e mais ainda, o que busca explicações para a gritante exploração dos trabalhadores. Interessante e revoltante é ver como a TV Globo ataca o funcionalismo público sempre que alguma vantagem, por pequena que seja, lhe é concedida pelo poder público, como vem de acontecer, com o legado do governo Dilma, que o atual, temendo reações populares, acatou. Os profissionais da Globo não param de combater o funcionalismo, usando de seu poder de mídia, dado pela extinta ditadura militar. Por que será que assim fazem?



CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA - I

Há quem busque a causa da violência entre os transtornos causados pela reação Schumann, experimentada pela primeira vez em 1952. Este cientista estudando as pulsações dos vertebrados e da atmosfera, medindo-as em hertz, constatou que havia um perfeito equilíbrio. Toda a atmosfera e os vertebrados vibravam a 7,2 hertz. O que ocorreu com o acompanhamento da atmosfera e dos vertebrados até o final do século XX e início do século XXI foi uma aceleração da pulsação da atmosfera que envolve a terra, chegando a 13 hertz, enquanto os vertebrados permanecem em 7,2. Tal disparate é considerado por muitos como a causa de reações humanas completamente inesperadas. Trata-se de uma hipótese, no entanto, como sabemos que as reações atmosféricas nos atingem, elas podem provocar reações diante desse tipo de descompasso.

Hoje, considerando-se as metodologias de ensino e os sistemas de aprendizagem, diante da neurociência que aprofundou a partir da década de noventa os estudos sobre o cérebro, sabemos que os ritmos são diferentes, crianças com raciocínio concreto não têm, ainda, a possibilidade de dar saltos abstratos. Mas, na década de cinquenta, por exemplo, por desconhecimento dessas questões, muitas crianças poderiam ser castigadas porque não estavam aprendendo. Esta situação é diferente no Brasil, conforme suas regiões, através dos tempos e, ainda mais diferente, quando a verificamos em outros países do oriente médio e Índia.

Por exemplo, a palmatória só foi banida do Maranhão depois do ECA e, mesmo assim, em municípios distantes da foz do Amazonas, ela ainda está dependurada nas paredes.

A violência explícita nas escolas brasileiras têm suas histórias através dos tempos, onde os mais antigos até aceitam esta metodologia tipicamente espartana como um bom método para a educação. É verdade que ao lado das escolas os pais batiam nos filhos, usando chinelos, a própria mão, réguas e varas, correias e cintas. Colocar de castigo com o rosto para a parede, ficar ajoelhado em caroço de milho, receber bolos de palmatória, beliscões de professoras com unhas afiadas, socos na cabeça e puxões de orelha

eram métodos aplicados nas salas de aula que existiam e as famílias aceitavam plenamente.

Não se questionava a desvalorização que a escola atribuía à parte mais nobre do corpo, a cabeça e o rosto da pessoa. Batia-se justamente onde a autoestima era mais prejudicada. Também por estas razões muitas crianças com alguma dificuldade de aprendizagem abandonavam as escolas.

Em épocas de agricultura primitiva, onde a enxada era a ferramenta mais moderna, a saída da escola significava ir para o campo trabalhar duro e pesado. O grande mal é o tempo ter passado e muitas pessoas ainda terem saudades dele e não se voltarem para mais estudos aprofundados a respeito.

A violência deve ser dissecada para que haja reflexão acerca de suas consequências. Quando uma menina foi morta no Estado de São Paulo por ter caído ou ter sido jogada de um andar elevado, a mídia apresentou casos graves, filmados em consultórios médicos onde radiografias davam conta de múltiplas fraturas em crianças que eram violentamente espancadas pelos pais. Uma radiografia alarmante mostrava as nádegas de uma criança de três anos e meio com uma queimadura arredondada, resultado de ter sido sentada na chapa quente do fogão à lenha por causa de enurese noturna. Enfim, barbaridades difíceis de serem imaginadas, porém, concretas. Uma distorção do poder paterno e materno. Como o Estatuto da Criança e do Adolescente proibiu tais práticas para tristeza de muitos, claramente mais sádicos que pedagogos, as escolas criaram uma estratégia tão danosa quanto aquelas proibidas. Tratava-se da violência velada. Um professor, com olhar ameaçador passava pelo meio das carteiras dizendo que escolheria alguém para responder às suas perguntas. Ao mesmo tempo informava que as perguntas seriam simples, porém, quem não soubesse a resposta seria de extrema burrice. O estado de medo diante desta situação representava uma violência velada que, ao mesmo tempo, poderia impedir um raciocínio correto. Estas práticas ainda existem e há quem delas se vanglorie, perdendo tempo em sala de aula, momentos preciosos para alguém aprender e, não, para fabricar inimigos em potencial. CONTINUARÁ...

roberio canto

Escrevivendo

Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

Boas Respostas

São artistas naquela triste especialidade de que fala o poeta grego Arquíloco de Paros: “Tenho uma grande arte/ Eu firo duramente aqueles que me ferem

- Do livro “Um lugar muito lá!”

Famoso ator inglês interpretava Ricardo III e, a certa altura da peça de Shakespeare e da História da Inglaterra, o rei está perdendo a batalha e começa a gritar “Meu reino por um cavalo!”, para que alguém traga a montaria que lhe permita perseguir seu adversário: “Meu reino por um cavalo!” Da plateia, um engraçadinho perguntou: “Um burro serve?” O ator interrompeu a apresentação e respondeu, com fleuma britânica: “Serve. Pode subir”.

A historinha acima me fez lembrar de uma deputada, também inglesa, que possuía uma língua terrível. Durante comício numa zona rural, um eleitor, querendo insinuar que ela não entendia nada da vida no campo, perguntou-lhe quantos dedos tinha um porco, tendo obtido por resposta esta delicadeza: “Homem, tire as botas e conte!” Pois essa senhora se deu muito mal quando resolveu provocar Winston Churchill, dizendo-lhe: “Se o senhor fosse meu marido, eu lhe dava veneno”. Serenamente, ele retrucou: “Se a senhora fosse minha mulher, eu tomava”.

No Brasil, Carlos Lacerda deixou fama pela sua eloquência, pela sua capacidade, mas também pela sua dureza com os adversários. Chamado por um deles de “ladrão da honra alheia”, deu uma resposta igualmente impiedosa: “Então o senhor pode dormir tranquilo, pois nada tem que eu lhe possa roubar”. Outro político, Milton Campos, ao contrário, era um manso e, ao morrer, mereceu de Carlos Drummond de Andrade este elogio incomparável: “Foi o homem que todos gostaríamos de ter sido”. Governador de Minas, Milton Campos recebeu de um secretário a sugestão de que mandasse um trem com soldados para reprimir operários em greve por falta de pagamento. “Não seria melhor mandar um trem com o dinheiro?”, perguntou o governador.

As pessoas que têm respostas rápidas e inteligentes despertam admiração, mas também um certo temor, pois possuem uma qualidade que pode torná-las cruéis. Assemelham-se às vezes a uma rosa em que o espinho é maior do que a flor. Por uma boa frase, são capazes de sacrificar amizades, envenenar ambientes, machucar seus semelhantes. São artistas naquela triste especialidade de que fala o poeta grego Arquíloco de Paros: “Tenho uma grande arte/ Eu firo duramente aqueles que me ferem”. Ignoram a poética recomendação para que sejam como o sândalo que perfuma o machado que o fere. Esmagam o sândalo

e entortam o machado. Nós outros, mortais comuns, reconhecemos a inteligência dessas pessoas, mas não gostamos de viver próximos a elas. Porque é uma lastimável verdade que nem sempre podemos amar a quem admiramos.

Certa vez alguém me pediu que escrevesse sobre a beleza feminina (a fim de que certa pessoa lesse e se identificasse), mas eu me lembrei do Pe. Antônio Vieira: “Que coisa é a formosura senão uma caveira bem vestida?” e tanto pessimismo me desanimou. Talvez por isso não tenha conseguido atender o pedido, embora seja verdade que, como disse Wyndham Lewis, “Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto. No meio você coloca as ideias”.

Em geral, a dificuldade está justamente em colocar as ideias. Nesse caso, uma solução possível é começar com uma letra maiúscula (digamos um F), e preencher o vazio com frases alheias. O ponto final é fácil, até eu sei fazer, às vezes até exagero, usando um ponto de exclamação.

Ou vários !!!

Um trem com o dinheiro...

Sebastião A.B. de Carvalho

A resposta de Milton Campos, quando governador de Minas Gerais, à sugestão de mandar um trem com soldados contra operários em greve por falta de pagamento, ilustra muito bem como se comporta um verdadeiro líder em situações de conflito. Ele respondeu, como nos mostra Robério Canto em sua coluna de hoje, perguntando: “Não seria melhor mandar um trem com o dinheiro?”.

Este é um belo exemplo de como se deve agir em situações difíceis. Ao contrário do que vemos em várias oportunidades e latitudes, quando a tônica é o uso da violência. Vejamos um exemplo:

Os bombardeios contra o Estado Islâmico, ocasionando ainda mais terrorismo, praticado por descendentes muçulmanos residentes no Ocidente. Por que não investigar as causas desse ódio de jovens contra suas pátrias? Não seria melhor tentar descobrir as causas e então agir para resolver as questões reais pendentes? Por que agir com violência, quando o melhor seria, talvez. *Mandar um trem com o dinheiro devido?*



Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh
 Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

FAREMOS, aqui, a divulgação da obra de ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, reproduzindo telas por ela pintadas. Apresentamos algumas de suas mais recentes produções, nas quais ela nos oferece um belo visual multicolorido, exprimindo seu amor pela natureza, numa interpretação plena de sensibilidade e técnica.

GALERIA RM CARVALHO - 10



70x50 - 93 = Violetas



70x50 - 94 = Novo Troncos na Mata



70x50 - 95 = Girassóis



70x50 - 96 = Jardim



ROSA MARIA nunca frequentou curso de desenho e pintura, nem foi precocemente introduzida nas artes plásticas. Simplesmente, um dia, ela resolveu tentar pintar aquilo que estava vendo com sua visão interna! A influência do Mestre Vincent van Gogh faz-se sentir, e ela então se entrega ao trabalho com grande entusiasmo e devoção. No ritmo que a vida normal permite, Rosa Maria faz o seu trabalho!...